

## O NARGUILÉ: Seus efeitos sobre a saúde, necessidades de pesquisa e ações para contê-lo

Laura Pereira Silva<sup>1</sup>; Rosemeire Pereira Vida<sup>1</sup>; Jéssica Antônio Ribeiro<sup>2</sup>; Priscila de Matos Cândido Bacani<sup>3,5</sup>; Liliane Patrícia Plentz<sup>4,5\*</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Farmácia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; <sup>2</sup> Mestranda em Saúde da Família – UFMS; Esp. em Farmácia Clínica – IBRATE; <sup>3</sup> Doutora em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste – UFMS; <sup>4</sup> Esp. em Farmácia Clínica e Hospitalar – UNINTER; <sup>5</sup> Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

\* autor correspondente: liliane\_plentz@hotmail.com

### RESUMO

O narguilé se destaca como a principal forma de uso do tabaco, sendo considerado um grave problema de saúde pública, devido à crença de ser uma forma menos prejudicial quando comparada ao cigarro. A falta de informação sobre os efeitos nocivos gerados ao usuário estimula o consumo do narguilé. O presente estudo tem como objetivo identificar o provável alcance social do uso do narguilé entre os alunos vinculados à instituição Faculdades Integradas de Três Lagoas-MS, bem como apresentar os malefícios à saúde gerados pelo uso do narguilé. Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa, do tipo exploratória, realizada com acadêmicos matriculados nas Faculdades Integradas de Três Lagoas, nos meses de março e abril de 2021. Dos alunos estudantes, 70 (53,4%) relataram já ter fumado narguilé. Destes, 89,3% declararam não ser dependentes e 70,2% dos alunos fazem um consumo de um a cinco dias por mês. Em relação ao que fuma no narguilé, o tabaco aromatizado foi o mais frequente, totalizando 85,9%, os demais relataram que fumam produtos sem tabaco (10,9%) e mistura de tabaco e produtos sem tabaco (3,1%). Dentre os fumantes de narguilé, 40,4% relataram que pretendem parar de fumar no futuro, 29,8% pretendem parar no próximo mês, 7% pretendem parar nos próximos seis meses e 22,8% relataram que não pretendem parar de fumar. A alta taxa de experimentação de narguilé entre os estudantes reforça a necessidade de campanhas educativas, políticas públicas e ações voltadas à prevenção e combate ao tabagismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** narguilé; consumo de tabaco; nicotina.

### 1 INTRODUÇÃO

O narguilé chegou ao Ocidente há pouco mais de um século e atualmente aproximadamente 100 milhões de pessoas fazem uso do tabaco por esse equipamento (MENEZES, 2015).

O Narguilé é a “principal forma de uso do tabaco” (PAIVA et al., 2020). Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o narguilé tornou-se um grave problema de saúde pública, devido à crença de ser uma forma menos prejudicial quando comparada ao cigarro (INCA, 2019).

A falta de informação sobre os efeitos prejudiciais gerados ao usuário estimula o consumo do narguilé. Muitos

acreditam que a fumaça gerada seja menos maléfica pelo fato de passar pela água, porém essa tem a função de arrefecer e resfriar a fumaça, promovendo a inalação mais profunda. O vapor, ao penetrar nos pulmões, transporta as partículas causadoras de danos à saúde, além da nicotina (INCA, 2019).

Um estudo desenvolvido pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), em 2013, analisou a frequência do uso do narguilé em indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos. O estado do Mato Grosso do Sul se destacou com a maior assiduidade entre os homens (9,9%) e a faixa etária responsável pela maior proporção de usos diário ou semanal foram os jovens de 18-29 anos (INCA, 2019).

Estimativas do Ministério da Saúde apontam um aumento de 139% do uso deste produto entre os anos 2008 e 2013, passando de 2,3% para 5,5% fumantes de narguilé (INCA, 2019).

Em meio a um cenário de pandemia causada pelo vírus Sars-CoV-2, que gera em muitos pacientes complicações respiratórias, o combate ao tabagismo torna-se muito relevante, visando inclusive estimular a cessação do consumo da nicotina pelo narguilé (SZKLO; BER-TONI, 2020).

Ações de conscientização sobre os riscos do consumo de produtos contendo nicotina devem ser realizadas e estimuladas, bem como avanços sobre o controle do tabagismo no Brasil (MALTA, 2018).

## 2 OBJETIVOS

Esse trabalho tem como objetivo identificar o provável alcance social do uso do narguilé entre os alunos vinculados à instituição Faculdades Integradas de Três Lagoas-MS (AEMS), bem como apresentar os malefícios à saúde gerados pelo uso do narguilé.

## 3 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa, do tipo exploratória, sendo proposta aos acadêmicos matriculados nas Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS.

Os participantes desta pesquisa foram voluntários com assentimento por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que constituiu o único critério de inclusão na amostragem e poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu por meio de aplicação de um questionário via *Google Forms* nos meses de março e abril de 2021. O link da pesquisa foi encaminhado aos acadêmicos via e-mail e whatsapp.

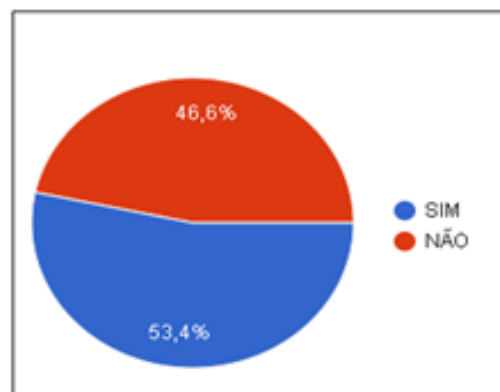
As questões foram formuladas de acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA) “Narguilé: o que sabemos” do Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva juntamente com o Ministério da Saúde, deste foram retiradas 13 questões, que mais se adequaram ao que o presente estudo propõe (INCA, 2019).

Os dados foram organizados, tabulados e analisados por meio de estatística descritiva para caracterizar a frequência do evento estudado de acordo com as variáveis apresentadas. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da União das Faculdades dos Grandes Lagos - UNILAGO/SP (CAAE nº. 44530021.4.0000.5489).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de 133 alunos matriculados nas Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS, dos cursos de administração, arquitetura e urbanismo, biomedicina, ciências contábeis, direito, educação física, enfermagem, engenharia química, engenharia elétrica, farmácia, fisioterapia, medicina veterinária, odontologia, pedagogia, psicologia e tecnologia em radiologia.

**Gráfico 1. Percentual de alunos que relataram já terem fumado narguilé.**



Fonte: Elaborado pelos autores.

O alcance do uso do narguilé entre os participantes da pesquisa resultou em

53,4%, ou seja, 70 participantes relataram já ter fumado narguilé, mesmo uma ou duas inalações, e 63 (46,6%) participantes responderam nunca ter fumado narguilé (Gráfico 1).

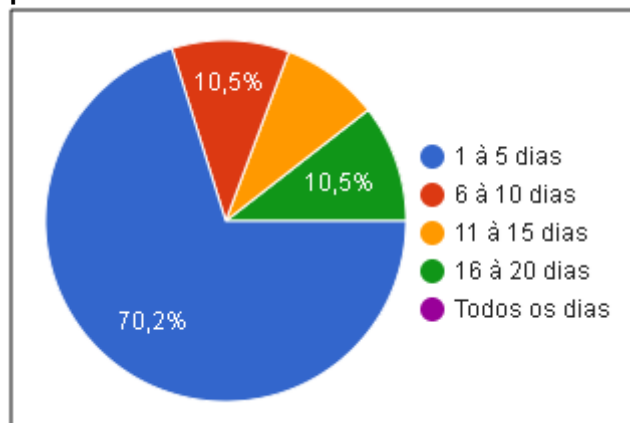
No presente estudo, observou-se um alto índice de usuários que tiveram contato ao menos uma vez com narguilé, correspondendo a 53,4% da população estudada. A alta taxa de experimentação de narguilé entre estudantes universitários foi demonstrada por Araújo et al. (2019) em um estudo realizado em Goiás, sendo observada uma taxa de 59,6%.

Em seu estudo Paiva et al. (2020) observaram que 33,8% dos universitários entrevistados afirmaram fazer uso do narguilé e 61,5% acreditam que esse

hábito não causa danos à saúde como o cigarro. Ainda segundo Paiva et al. (2020) essa percepção errônea em relação aos danos causados pelo uso de narguilé está relacionada a “ausência de orientações e conhecimento acerca das substâncias tóxicas encontradas no produto”. O que gera preocupação e reforça a necessidade de campanhas educativas, políticas públicas e ações voltadas à redução do uso do narguilé.

Quando questionados sobre quantos dias por mês fumam narguilé, 70,2% responderam de 1-5 dias, 10,5% responderam de 6-10 dias, 8,8% responderam de 11-15 dias e 10,5% responderam de 16-20 dias. Nenhum dos participantes relatou fumar narguilé todos os dias (Gráfico 2).

**Gráfico 2. Frequência do uso de narguilé em dias por mês.**



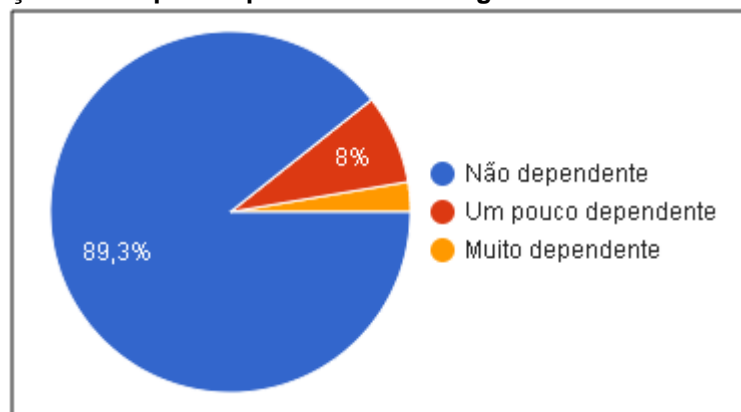
Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo dados do INCA (2019), a maior frequência do uso do narguilé em Mato Grosso do Sul ocorreu entre os homens (9,9%), sendo observada uma frequência de uso esporádica entre os indivíduos (53%). No presente estudo, 70,2% dos acadêmicos fazem uso esporádico de narguilé, constatando-se que ao menos uma vez no mês mais da metade dos jovens estudados participam de rodas de narguilé, sendo comum o compartilhamento das piteiras, expondo os usuários ao risco de contaminação e transmissão de várias doenças

infectocontagiosas, entre elas, a Covid-19, infecção causada pelo coronavírus, e infecções sexualmente transmissíveis (IST's) como, herpes e candidíase oral, devido ao compartilhamento do bucal do narguilé (INCA, 2017).

O Gráfico 3 apresenta os resultados quanto à percepção dos participantes sobre a dependência do narguilé. Como pode ser observado no Gráfico 3, 89,3% dos participantes relataram não ser dependentes, 8% relataram ser um pouco dependentes e 2,7% relataram ser muito dependentes.

**Gráfico 3. Percentual de estudantes em relação à percepção sobre quão dependente é do narguilé.**



Fonte: Elaborado pelos autores.

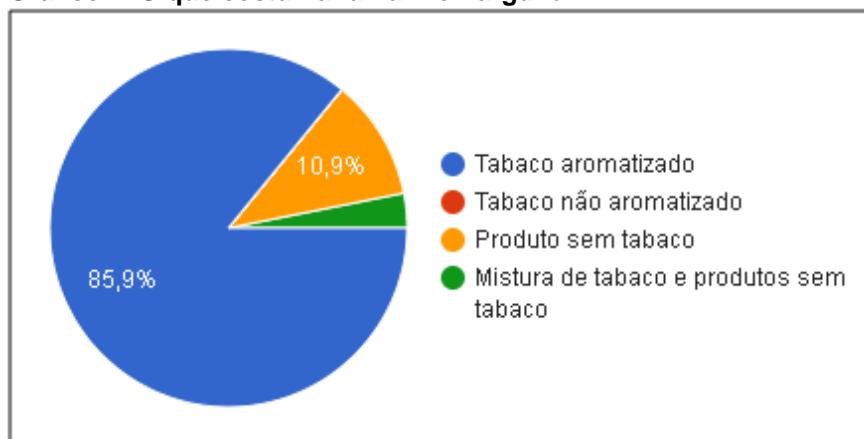
No presente estudo, apesar de ser observado um índice elevado de estudantes que se declararam não serem dependentes ou pouco dependentes, cabe destacar que o uso prolongado de narguilé pode acarretar algumas doenças graves como o câncer de pulmão ou de boca, problemas cardiovasculares e dependência (BURITI; AZZOLINI; HUF, 2020). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), “o fumante de narguilé pode inalar tanta fumaça durante uma sessão quanto um fumante de cigarros inalando consumindo 100 ou mais cigarros” (WHO, 2005).

No narguilé são encontrados mais

de 4000 tipos de substâncias tóxicas ao organismo e dentre elas, as mais perigosas são: o alcatrão, o monóxido de carbono e a nicotina, sendo este último responsável por causar dependência de milhares de usuários (BURITI; AZZOLINI; HUF, 2020).

A nicotina, após ser absorvida por via oral ou pulmonar, chega ao cérebro em questão de segundos e é dissolvida no sangue sendo excretada rapidamente. Quando os neurônios percebem que esta substância está escapando dos receptores, começa a provocação de ansiedade resultando assim em crise de abstinência (VARELLA, 2011).

**Gráfico 4. O que costuma fumar no narguilé.**



Fonte: Elaborado pelos autores.

Grande parte dos usuários de narguilé não conhece os riscos que expõe seu organismo ao fumar esse produto, como a doenças cardiovasculares ou ao

câncer, acreditando ser um produto menos viciante (BURITI; AZZOLINI; HUF, 2020). Os mesmos autores relatam em seu estudo que 42,35% dos

participantes consideram que fumar narguilé não seja viciante e 30,58% acreditam ser um produto menos prejudicial que o cigarro.

Quando questionados sobre o que fumam no narguilé, 85,9% dos participantes relataram fumar tabaco aromatisado, 10,9% fumam produtos sem tabaco e 3,1% relatam fumar mistura de tabaco e produtos sem tabaco (Gráfico 4).

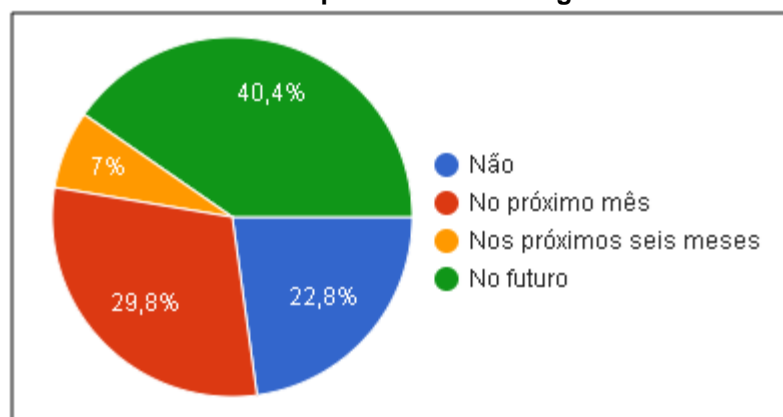
Muitos jovens acreditam que as essências herbais não causam tanta dependência e é uma alternativa mais saudável por serem isentos de nicotina, contudo, ao serem aquecidas geram substâncias cancerígenas como aldeídos voláteis na fumaça (MARTINS; SANTOS,

2019). A produção do tabaco aromatisado ocorre pela fermentação do tabaco com melaço, glicerina e essências de fruta (INCA, 2018).

O narguilé com o passar dos tempos foi sendo modernizado para facilitar o consumo, sendo utilizado de forma coletiva e em grupos de amigos, com aromas doces e agradáveis (MARTINS; SANTOS, 2019).

Os participantes foram questionados sobre o interesse de parar de fumar narguilé e 22,8% destes relataram não pretendem parar, 29,8% pretendem parar no próximo mês, 7% relatam pretender parar nos próximos seis meses e 40,4% no futuro (Gráfico 5).

Gráfico 5. Pretensão em parar de fumar narguilé.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os profissionais de saúde devem estimular seus pacientes a parar de fumar o narguilé e fornecer o acompanhamento necessário para isso. Martins e colaboradores (2014) relatam em seu estudo que 64,5% dos estudantes participantes da pesquisa acreditam que esses profissionais que fumam são menos propensos a aconselhar seus pacientes.

Além de o narguilé ser bastante popular nas culturas árabe, turca e indiana, o seu uso acabou se tornando febre em diversos outros países, crescendo assim mundialmente. Estudos apontam que ele é mais utilizado pelos jovens, que determinam suas sessões de uso como lazer e prazerosa, usado para a socialização, sendo o ambiente universitário visto

como um ambiente conveniente (CAMARGO; TAGLIETTI, 2020).

Nunes (2006) afirma que a consumo ou exposição do tabaco, ocasiona processos nocivos para toda árvore respiratória, lesionando a estrutura e a função pulmonar. A tosse, secreção e dispneia são sintomas respiratórios que estão associados com a dependência e o grau de comprometimento respiratório, ou seja, quanto maior o grau de dependência, maior o relato de sintomas (MENEZES, 2011).

## 5 CONCLUSÕES

Os dados obtidos no estudo indicam uma alta taxa de experimentação de

narguilé entre os estudantes dos cursos de administração, arquitetura e urbanismo, biomedicina, ciências contábeis, direito, educação física, enfermagem, engenharia química, engenharia elétrica, farmácia, fisioterapia, medicina veterinária, odontologia, pedagogia, psicologia e tecnologia em radiologia da AEMS.

Constatou-se que 89,3% dos alunos que fazem uso de narguilé declararam não ser dependentes, sendo encontrada uma frequência maior de alunos que fazem um consumo de 1-5 dias por mês e destes 40,4% relataram que pretendem parar de fumar no futuro. Foi demonstrado que o tabaco aromatizado foi à forma mais frequente consumida pelos acadêmicos.

O número elevado de estudantes que fazem uso de narguilé reforça a necessidade de campanhas educativas, políticas públicas, discussões e ações voltadas à prevenção e combate ao tabagismo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO et al. Fatores relacionados ao consumo do narguilé entre estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v. 45, n. 5, p. 180-184, 2019.

BURITI, W. M.; AZZOLINI, S. S. A.; HUF, M. D. Z. A população do narguilé entre jovens brasileiros. *International Studies Coepta*, São Paulo, ago. 2020. Disponível em: <[http://www.hottopos.com/isle34\\_35/157-166Lut2WictorF.pdf](http://www.hottopos.com/isle34_35/157-166Lut2WictorF.pdf)>. Acesso em: 08 jun 2021.

CAMARGO, M. C. R.; TAGLIETTI, M. Função pulmonar e força muscular respiratória em usuários de narguilé. *Revista Thêma et Scientia*, v. 10, n. 1, p. 147-157, jan./jun. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA - INCA. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Narguilé: o que sabemos? Rio de Janeiro:

INCA, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA - INCA. Tabagismo. 2018. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/tabagismo>>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Ministério da Saúde. Nota técnica. Uso de narguilé: efeito sobre a saúde, necessidades de pesquisa e ações recomendadas para legisladores. 2017. Disponível em: <<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/161991/9789241508469-por.pdf;jsessionid=9975ADB0C8CEC51B7933328C4B443B25?sequence=5>>. Acesso em: 02 de jun. 2021.

MALTA, D. C. et al. Fatores associados ao uso de narguilé e outros produtos do tabaco entre escolas, Brasil, 2015. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Belo Horizonte (MG), v. 21, n. 1, p.1-15, 2018.

MARTINS, S. R. et al. Experimentação de e conhecimento sobre narguilé entre estudantes de medicina de uma importante universidade do Brasil. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 102-110, mar. 2014.

MARTINS, S. R.; SANTOS, U. P. Narguilé, uma forma de consumo de tabaco em ascensão. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1-2, 2019.

MENEZES, A. M. B. et al. Frequência do uso de narguilé em adultos e sua distribuição conforme características socio-demográficas, moradia urbana ou rural e unidades federativas: Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), 2013. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.18, n. 2, p.57-67, 2015.

NUNES, E. Consumo de tabaco: Efeitos na saúde. Revista Portuguesa Clínica Geral, Portugal, v. 22, p. 225-44, 2006.

WHO. World Health Organization. WHO Study Group on Tobacco Product Regulation [monograph on the Internet]. TobReg Advisory Note: Waterpipe Tobacco Smoking: Health Effects, Research Needs and Recommended Actions by Regulators. Geneva: WHO/ TobReg; 2005. Disponível em: <[http://www.who.int/tobacco/global\\_interaction/tobreg/Waterpipe%20recommendation\\_Final.pdf](http://www.who.int/tobacco/global_interaction/tobreg/Waterpipe%20recommendation_Final.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PAIVA, M. O. et al. Prevalência do uso de narguilé entre universitários da área da saúde. Revista de Medicina, São Paulo, v. 99, n. 4, p. 335-41, 2020.

SZKLO, A.S.; BERTONI, N. Relação entre a epidemia de tabagismo e a epidemia recente de Covid-19: um panorama atual das evidências científicas. Revista Brasileira de Cancerologia, v.66, n. 1105, p. 1-8, jun. 2020.

VARELLA, M. H. B. Nicotina - Entrevista. 2011. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/nicotina-entrevista/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.